

# A Rússia e a Síria

MARIA JOÃO TOMÁS, INVESTIGADORA DO INST. DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS E INTERNACIONAIS (IEEI)

O veto da Rússia e da China no Conselho de Segurança da ONU, impedindo que Bashar al-Assad delegasse o seu poder no vice-presidente, é mais uma demonstração da política tradicional destes países, avessos a ingerências externas nos assuntos internos de um país. Mas não é só. Há muitos outros interesses económicos que impedem Putin de deixar cair o Presidente sírio.

As relações entre a Rússia e a Síria datam do tempo da Guerra Fria. Em 1971, a antiga União Soviética instalou uma base de apoio e manutenção naval em Tartus, na zona costeira do Mediterrâneo, e perdoou uma dívida de 9,8 mil milhões de dólares aos sírios. Em 1980, num tratado de cooperação entre os dois países, Hafez al-Assad, pai de Bashar, tornou-se o representante dos interesses soviéticos no Médio Oriente e passou a ser um dos seus maiores importadores de armamento, num negócio que ainda hoje se mantém, e que vale mais de quatro mil milhões de dólares para os russos. O exército do Presidente sírio está, por isso, muito bem equipado.

Mas não são só as armas que ligam estes dois países. Outros negócios sustentam uma amizade muito valiosa e lucrativa para ambos os lados e que movimentam 19,4 mil milhões de dólares. Para além das importações agrícolas, das indústrias de aço e metalomecânica, dos transportes aéreos, a Rússia tem também importantes interesses energéticos na Síria, de exploração e distribuição de gás e de petróleo, com empresas como a Stroitransgaz e na Tafneft. Em parceria com a companhia de gás Síria, estão concluídos, e em funcionamento, o Gasoduto Árabe, e estações de exploração e tratamento de gás, quer a sudeste, onde se encontram os maiores campos de hidrocarbonetos sírios, como no centro, uma zona ainda numa fase mais inicial de exploração. No que toca à exploração de jazidas petrolíferas, que teve o seu grande impulso em 2007, quando foram feitas descobertas consideráveis que atraíram investimentos estrangeiros, russos e britânicos, estão também localizadas na mesma zona, mas não são tão atrativas como as de gás, sobretudo depois das sanções impostas à Síria desde o início da rebelião. De qualquer forma, estes investimentos russos são razões mais do que suficientes para que Putin não queira que o seu parceiro de negócio saia do poder.

Aliás, a visita do ministro dos negócios estrangeiros russos à Síria, numa tentativa de arranjar uma alternativa à resolução da ONU, teve como resposta de Bashar al-Assad o bombardeamento intenso da cidade de Holms, que não só está muito próxima da base russa de Tartus, como está situada estrategicamente perto dos mais importantes centros de exploração energéticos sírios.

Este inequívoco compromisso de manter e defender os interesses russos deixa em aberto o papel decisivo que a Rússia vai ter nos tempos mais próximos. Conseguir resistir à pressão da comunidade internacional para afastar o Presidente sírio, assegurando todas as valiosas parcerias e explorações energéticas que tem na região, é sem dúvida o cenário mais favorável para Putin. A perspetiva de uma guerra, que se adivinha cada vez

mais certa, apesar de ser comercialmente vantajosa em termos de venda de armamento, não é nada favorável para os outros negócios russos na Síria.

Por outro lado, é importante que a transição do regime sírio tenha uma direta intervenção da Rússia. A minoria xiita que suporta Bashar al-Assad irá de certeza ser substituída por partidos sunitas, mais de acordo com a maioria da população. Assegurar que as parcerias económicas russas se mantenham irá ser essencial no futuro, e Putin está bem ciente do jogo que terá de fazer.

O que começou como uma rebelião contra um regime ditatorial está a transformar-se num problema político e económico de grandes dimensões que, perigosamente, pode resvalar para um conflito que extravasa as fronteiras sírias. Acrescem ainda os interesses em enfraquecer a influência dos governos xiitas no Médio Oriente, o que pode explicar também o grande empenho da Liga Árabe e da Turquia na resolução deste problema.

Esperemos que a diplomacia e a perspicácia política sejam a solução para a questão síria, porque todos os cenários de guerra são de evitar, ainda mais com o Irão como vizinho e tendo o Cáucaso ali tão perto.